

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 287

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

6.º Anno

O ESPIRITO DEMOCRATICO

Como já dissémos, vamos seguindo n'estes artigos as obras de Arthur Chuquet,—*Les Guerres de la Révolution*—que são nada menos de onze volumes, premiados pela Academia Franceza e pela Academia das sciencias moraes e politicas, e que são, na verdade, os melhores trabalhos que no genero conhecemos. Mas Arthur Chuquet é um paizano, e as suas obras, por isso, poderiam ser suspeitas.

Vamos, pois, vêr hoje o que diz sobre o mesmo assumpto o proprio Estado Maior do exercito francez, esse Estado Maior que tem estado cheio de officiaes reaccionarios.

N'um grosso volume, com o titulo *Campagne de 1793 en Alsace et dans le Patatinat*, o 1.º da série que sob a direcção do referido Estado Maior se está publicando, diz o capitão Colin:

«Os officiaes generaes e superiores raramente estavam á altura das suas funções. A maior parte dos officiaes nobres emigravam ou demittiam-se, e era entre elles que se encontravam os raros officiaes capazes de commando.

A insufficiencia dos officiaes revelava-se em todos os combates por desastres successivos, que são a sua consequencia; e tambem nas hesitações e inercia dos generaes, que não sabem o que hão de fazer para pôr em movimento exercitos de 50:000 homens. Esses desastres, essa inercia, exasperam e desanimam o soldado, predisposto a attribui-los a traição, tanto mais facil de acreditar quanto ella existia na verdade. O exercito de Condé, composto de emigrados, tinha espíões no campo francez. Um grupo de desertores, refugiados em Bale, não cessam de mandar emissarios ao Alto Rheno. O major Legrand, escreve: «O desanimo é geral nos exercitos, provocado não só por uma multidão de officiaes, fracos de caracter e de opinião equivoca, mas tambem por chefes dedicados á causa dos inimigos da patria. Não se faz nada sem um acto que comova os espiritos, que mantenha a energia dos verdadeiros defensores da patria, que levante a coragem dos fracos, e que faça tremer os traidores punindo-os e obrigando-os a juntar-se aos seus amigos para além das fronteiras». Os soldados do 103 de infantaria accusam em massa os seus officiaes. A delação attinge, não já officiaes isolados nos corpos inteiros de tropas.»

Como se vê, o Estado Maior está d'accordo com os escriptores civis. O regimen monarchico deixava um exercito deploravel, o que equivalia a deixar a França sem defeza.

Como se converteu esse exercito no mais poderoso exercito do mundo?

Vejamos tambem. Chuquet, no seu volume *La*

Première Invasion Prussienne, escreve:

«Tal era, depois do dez d'agosto, (1) a situação do exercito francez. A Europa julgava-o incapaz de fazer frente á invasão prussiana. Mas esse exercito era inteiramente dedicado á Revolução. Amava com paixão o novo regimen. Queria combater, soffrer e morrer pela causa da liberdade.

Devia tudo á Revolução. A Revolução tinha derribado as barreiras que a falta de nascimento, de fortuna ou de favor oppunham ao merito. Tinha proclamado que todo o francez era admittido á hierarchia militar; tinha dado a todo o soldado, que servia ha dezeseis annos, os direitos de cidade; tinha estabelecido á egualdade entre todos os regimentos da mesma arma, augmentado o soldo, concedido a condecoração militar aos officiaes de todas as patentes depois de 24 annos de serviço, uma pensão ou um logar nos Invalidos a todo o militar que tivesse 30 annos de serviço e 50 annos d'idade, o maximo da reforma a todo aquelle que ficasse impossibilitado na guerra e pensões particulares a todos os que contrahissem enfermidades no serviço.

Depois de 10 d'agosto de 1792, como depois de 20 de junho de 1791, (2) o exercito não conheceu senão a nação. A volta de Varennes, assegura Lavallette, tinha destruido a magestade do throno; havia-se extinguido no coração do soldado todo o sentimento d'amor e mesmo de interesse pelo monarcha; não se comprehendia mais a necessidade d'um rei; o exercito sentia que nenhum laço o prendia já ao representante divino.

Muitos officiaes estavam ainda ligados ao rei e á Constituição de 1791. Mas os officiaes decididos a seguir a corrente da revolução constituíam já um partido poderoso.

O ardente patriotismo que se originou no exercito foi o principal segredo das victorias da Revolução. O exercito semelhava-se a essa Convenção que se reuniu no dia immediato ao de Valmy e que Mallet du Pan nos descreve. Cada um dos individuos que compunha a Convenção, escrevia elle, era, individualmente, um pygmeu; em se juntando era, cada um d'elles, um gigante. Do mesmo modo, o exercito francez compunha-se, talvez, individualmente, de soldados inferiores aos prussianos pela experiencia e pela disciplina, mas todas as vezes que elles procediam em massa tiveram uma força que nunca tiveram os aliados, a força do entusiasmo que, segundo as palavras de Toulangeon e de Goudion Saint-Cyr, supria tudo. Luctavam pela liberdade e pela independencia.

«Penso, escrevia o grandioso Gazin a seu filho, soldado do 34 de linha, obrigado a depôr as armas pela capitulação de Longwy, penso que a guerra d'um povo, que quer ser livre, contra os tyrannos, não pôde durar muito tempo, porque o povo, tendo por si a razão, tem por si a força e a bravura. Está em pé. Basta dizer: *quero ser livre, e se-lo-ha.*» O soldado Fricane, á noticia dos primeiros triumphos do inva-

sor, escrevia: «com coragem tudo se vence» e fazia a Deus esta supplica: «Deus de toca a justiça, toma sob a tua proteção uma nação generosa que só combate pela egualdade!»

Nas primeiras campanhas faltaram as coisas mais indispensaveis, mas ninguém desesperou da salvação do paiz.

Na realidade, a emigração foi um beneficio para o exercito francez. A maior parte dos officiaes do antigo regimen eram gentis-homens de provincia, muito orgulhosos, muito insubordinados e geralmente sem instrucção. Os officiaes inferiores que os foram substituir sabiam tanto e mais do que elles. Ha entre uns e outros, dizia Achilles Duchatelet, a mesma differença que entre os amadores e os artistas; ficámos com mais emulação no exercito e encontraremos generaes entre os nossos soldados. Tal era tambem a opinião de Lafayette, de Bouillé, de Liger, de Latour-Foissac, dos dois Gray de Vernon. Lafayette conta, entre as causas dos nossos successos, a egualdade, que permittiu a ascensão de todos os talentos, e assegura que, em 1792, a classe dos officiaes inferiores era muito distincta e muito superior á dos outros exercitos da Europa. Bouillé conhecia-os; eram, diz elle nas suas *Memorias*, filhos de burgoes ou de ricos artistas, bem educados, e que a extravagancia obrigou a seguir a vida de soldado; desde muito tempo instruidos nos exercicios militares, mais acostumados ao dever, e á obediencia que o serviço exige, do que os antigos officiaes.

Os novos officiaes tomaram sem custo grande ascendente sobre os seus homens. Os soldados tinham fé n'elles. Uns, sahidos da fileira, não procuravam senão mostrar-se dignos do seu grau; outros, desejosos de se elevar como elles, e honrando-se em lhes obedecer, esforçavam-se, á porfia, por adquirir profundo conhecimento da profissão, unidos todos por uma tocante comunidade de origem e simplicidade de costumes, considerando-se todos membros solidarios d'uma mesma familia, e todos, diz Lafayette, soldados, officiaes inferiores e officiaes, cheios do mesmo zelo.»

Como se vê, era o espirito de liberdade que transformava rapidamente um exercito deploravel n'um dos melhores exercitos do mundo.

D'esse espirito resultava a iniciativa; a manifestação do talento, o entusiasmo, a equidade, virtudes sem as quaes não ha exercitos, nem ha coisa nenhuma.

E' esse espirito que falta á Russia, que faltou á França em 1870, e que falta a Portugal.

ELEIÇÕES

O partido republicano disputa as eleições em Lisboa, Porto, Beja, e vae á urna em outras localidades.

Deve-se dizer que os nomes que compõem as listas já publicados são excellentes.

A comissão municipal d'este concelho ainda nada decidiu.

«POVO DE AVEIRO»
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monacc.

CAPITÃO LEITÃO

Já as não lêmos, a tempo de nos referirmos a ellas no ultimo numero, duas das chronicas que o nosso prezado amigo João de Menezes publica diariamente no *Norte*, n'uma das quaes prestava, como é proprio do seu alevantado character e amor dos principios, de que dá provas a cada instante, preito de justiça á memoria do capitão Leitão, e na outra se associava á nossa idéa de ser levantado, pelo partido republicano, um modesto monumento em honra da memoria do chefe militar da primeira jornada revolucionaria da democracia portugueza.

Outros dois jornaes, ao que nos informam, porque os não lêmos, se associavam á mesma idéa.

Nesse caso, vamos po-la em execução e não fiquemos só em palavras.

Esperaremos a resolução de quem póde mais do que nós.

Contra a lei de 13 de fevereiro

Realizou-se em Lisboa, no domingo passado, um comicio contra a lei de 13 de fevereiro.

Foi muito concorrido.

Presidiu o sr. Botto Machado, usando da palavra o sr. Augusto José Vieira, que lêu a representação que deve ser entregue nas duas casas do parlamento, o sr. Paulo Tavares, o sr. dr. Antonio José d'Almeida, o sr. João Pereira, o sr. dr. Lomelino de Freitas, o sr. Dias da Silva, o sr. Pereira Bravo, o sr. Sá Pereira, o sr. Ferreira Manso, o sr. Macedo Bragança, o sr. Damaso Teixeira, o sr. José do Valle, e, por fim, o sr. Botto Machado, sendo todos muito applaudidos.

E' claro que a lei não será revogada. Ha uma pessoa que não quer, e é quanto basta. Em essa pessoa não querendo, é escusado remar.

Em muita coisa nos parecemos com a Russia! Mas, enfim, é bom fazer opinião publica, luctar. Sempre se ganha alguma coisa.

Não se illudam, porém, com o resultado final.

A tal pessoa em certas coisas dá carta branca. Mas outras reserva-as para si, só para si. E em ella dizendo: «n'isto não se toca sem minha licença» só ha uma maneira de lhe tocar.

Qual é?

Advinhem.

E se depois de *advinhar* forem capazes de *executar*, ganharam a partida.

Então, sim, acabou-se a lei de 13 de fevereiro.

Antes d'isso, não!

Em muita coisa nos parecemos com a Russia.

A ALLIANÇA INGLEZA

O sr. dr. Bernardino Machado em Vizeu

Foi o *Povo de Aveiro* o primeiro jornal republicano que poz no seu verdadeiro campo a questão da alliança ingleza.

Sustentámos aqui que era um verdadeiro disparate, esse dos republicanos andarem a insultar a Inglaterra, sob pretexto de que a alliança, que ella tem mantido comnosco, só tem servido para nos explorar. Disparate que, aliás, nós tambem já tínhamos comettido, como toda a gente n'este paiz. Mas a todo o tempo é tempo de vêr as coisas com acerto.

Accrescentámos que a questão não era da Inglaterra, mas da monarchia portugueza. Que se a Inglaterra nos tinha explorado, outra qualquer grande potencia, em identicas circumstancias, haveria feito o mesmo, mercê da imbecilidade dos homens da monarchia. Que a alliança ingleza era aquella que mais nos convinha, sendo uma alliança. Mas que não era uma alliança, era um protectorado disfarçado, com todos os inconvenientes dos protectorados ás claras sem nenhuma das suas vantagens. Que a propaganda republicana devia consistir, não em atacar a Inglaterra e a alliança ingleza, mas em demonstrar que tal alliança não poderia existir com a monarchia.

Ora vejamos alguns periodos do artigo editorial que, sob o titulo *A Alliança Ingleza*, o *Povo de Aveiro* publicou em 23 de agosto de 1903:

«Os republicanos todos os dias escrevem nos seus periodicos que Portugal é uma colonia ingleza. Não é bem assim. Se nós fossemos uma colonia da Inglaterra seriamos administrados muitissimo melhor. A prova de que o não somos está no despotismo que nos suffoca, na administração perdularia e criminosa que patentecemos ao mundo sem decoro. As colonias inglezas gozam da mais ampla liberdade e da mais sensata e honesta administração. Mas que a alliança ingleza é uma especie de tutela humilhante, com uma certa autonomia para o tutelado, autonomia de que este, aliás, não sabe fazer uso, é facto que ninguém póde negar.

Succederia o mesmo, no emtanto, precisamente o mesmo, se em lugar de sermos aliados da Inglaterra, o fossemos da Hespanha, da França, da Alemanha ou da Russia. Uma nação que não tem exercito, que não tem armada, que não tem dinheiro, que não tem homens d'estado nem opinião publica, póde ser tutelada por outra nação, mas, dignamente, nunca póde ser a sua aliada.

Esta é a grande verdade, e a ella devemos prestar toda a nossa attenção, sem nos perdermos em declamações doentias ou banaes.

Se a nossa alliança convem á Inglaterra, e essa conveniência só um myope a não vê, claro é que o

interesse da Inglaterra é que Portugal seja uma nação prospera e forte, não decadente, abatida e fraca. E os republicanos, que poderiam fazer uma propaganda formidável contra a monarchia, demonstrando que ella nos humilha e nos vexa aos olhos da Inglaterra, que ella não sabe, nunca soube! tirar partido da alta conveniencia que a nossa alliança representa para a Gran Bretanha, á qual nos entrega de mãos presas, sem exercito, sem armada, sem administração, n'uma submissão abjecta e com um servilismo indigno, fazendo-nos seus tutelados e não seus aliados; e os republicanos, que poderiam ter sempre a monarchia debaixo da pressão de que é ella a causa unica das expoliações e vexames que temos recebido da Inglaterra, porque a Inglaterra respeitar-nos-hia se fôssemos um povo patriota, activo, forte, bem administrado, como, naturalmente, não pôde respeitar-nos em caso contrario; e os republicanos, que poderiam mostrar sempre que a alliança ingleza seria com elles uma das grandes forças da nação, como é um vexame, uma subserviencia, uma verdadeira burla com a monarchia, esforçam-se, senão em demonstrar exactamente o contrario, em deixar ao menos bem patente, e d'isso bem convencida a classe dominante do paiz, que o apoio da Inglaterra, mesmo humilhante e mesmo vergonhoso, é o unico sustentaculo que temos, sustentaculo devido exclusivamente á monarchia, sustentaculo que iria por agua abaixo logo que a republica fosse proclamada entre nós.»

Agora o sr. dr. Bernardino Machado foi a Vizeu. Fez lá uma bella conferencia, que sentimos não poder, por termos recebido as notas muito tarde, desenvolver completamente, e sobre a alliança ingleza, disse:

«Este regimen, sem força moral, sem auctoridade, que tem atentado contra todas as nossas liberdades internas e que ninguem respeita dentro do paiz, tem a audacia de querer fazer acreditar que inspira todas as sympathias e respeito lá fóra, e é o sustentaculo e o unico amparo das nossas liberdades externas, da integridade nacional, pela sua estreita alliança com uma grande potencia! Como se a politica externa não fôsse uma consequencia directa da politica interna! E isto, quando temos perdido a nossa influencia internacional até na nossa segunda patria—o Brazil, d'onde ainda no dia 22, em meio das aclamações festivas dos aulicos, nos chegava a noticia de haverem sido acintosamente confundidos com os desordeiros e maltratados pelas tropas muitos compatriotas nossos na ultima revolta militar.

Quem é que nos respeita desde o ultimatum inglez? A Alemanha, arreando a nossa bandeira em Kionga? A França, disparando aos nossos governos as insolencias com que officialmente deu força ás reclamações injuriosas dos nossos credores? Respeita-nos a propria Inglaterra, que, ainda ha pouco, na guerra com o Transwaal, nos forçou a violar a nossa neutralidade, atravessando-nos o territorio com os seus soldados? Como foi que tudo isto mudou? Que grande mystificação!

O charlatanismo dos nossos governantes resalta manifestamente dos alardes que fazem do elixir da alliança ingleza. Por virtude d'ella, milagrosamente Portugal não só restaurou já todas as suas forças, mas recuperou, affirmam mesmo, no conceito das nações, o lugar que occupava na epocha gloriosa em que os nossos arrojadados navegadores abriram á civilização o caminho das Indias!! Dir-se-hia até, ouvindo-os, que não somos simplesmente os aliados da Inglaterra, mas sim os seus conquistadores. A' viagem dos reis a Londres chamalhe a camara de Lisboa triumphal, e a folha officiosa do governo, entoando-lhe o seu hymno, de-

clara-a mais gloriosa do que a missão dos nossos antigos guerreiros...

Para prova de que a alliança ingleza não passa d'um engodo, para prova de que não ha de facto tal alliança, basta observar a insistencia com que os seus pretendidos auctores procuram confirma-la com actos que, aliás, são a sua propria negação, como ultimamente o tratado de arbitragem celebrado entre Inglaterra e Portugal para todas as divergencias que não envolvam interesses vitais ou sejam casos de honra ou de independencia das duas nações. Nem que fosse preciso, havendo entre ellas uma alliança! Porque é claro que então essas divergencias se derimiriam amigavelmente. Celebram tratados de arbitragem, como esse, a Inglaterra com a França, a França com a Italia, a Suissa e os Estados-Unidos com varias nações, mas, que conste, não os celebraram até agora, porque seria redundante, a França com a Russia, a Italia com a Alemanha, nações aliadas entre si.

Alliança entre o governo inglez e o governo portuguez? Que pôde haver de commum entre elles? E' uma alliança religiosa? Mas como ha-de alliar-se a um governo que tem sobretudo por dogma o respeito de todas as crenças, um governo que acata e festeja servilmente todos os dogmas, ainda os mais revoltantes para a razão e para o sentimento humano? E' uma alliança economica? Mas como ha-de alliar-se a um governo que cimenta fortemente a independencia da nação na sua liberdade financeira, um governo arruinado, falido, na dependencia de todos os auctores da finança mundial? E' uma alliança politica? Mas como ha-de alliar-se a um governo exemplarmente liberal, que sustenta, sem a minima quebra, o direito do *habeas corpus*, um governo despotico, arbitrario, o governo da lei de 13 de fevereiro? Pôde haver uma aproximação politica entre a Inglaterra, a França e a Italia, todas liberaes, podem até mutuar visitas os seus parlamentos. Mas quem se não riria até ás gargalhadas, se os nossos deputados tivessem a pretensão de visitar os deputados inglezes! Eu bem sei que os nossos governantes, pela voz do chefe do estado, renderam homenagem á liberdade na Inglaterra e até em França se curvaram devotamente perante a republica. Mas succede-lhes como aos selvagens, que, nos centros da civilização, trajam á ultima moda, e, que, em chegando á terra natal, voltam á tanga: assim que chegaram cá, voltaram ao regimen do poder pessoal. O seu primeiro acto de expiação devia ser a amnistia de Bartholomeu Constantino. Pois não só o não praticaram, mas até pleiteiam entre si a paternidade da lei scelerada que o condemnou. Alliança militar? Como, sem exercito e marinha? Não basta o valor e o arrojo dos nossos militares, quando a dissipação dos governantes os deixa sem recursos, ao abandono, condemnados a perecer fatalmente, como outro dia, n'esse horrendo desastre de Cunene.

Alliança, não a pôde haver hoje entre o nosso governo e o governo inglez, nem infelizmente, sob o actual regimen, o nosso povo trabalhador, esmagado na sua industria sob o peso dos impostos, pôde sequer esperar realisá-la com o povo inglez sequer ao menos por um tratado de commercio. Para alcançarmos uma alliança que nos honre e nos preste, havemos de mudar primeiro de instituições.

Protectorado inglez, isso é o que ha, diz-se lá fóra em todas as chancelarias, sentimo-lo dolorosamente cá dentro todos que temos consciencia e coração. E este protectorado, pelas suas condições irregulares, instaveis,—porque, no dia em que elle se declarasse formalmente, ruiaria a monarchia,—este protectorado, deprimente para a nossa dignidade nacional, nem sequer assegura aos espiritos pusillanimes a propriedade e a vida dos portuguezes. Já o Marquez de Soveral, que o deve conhecer bem, na camara dos pares aconselhou o

governo a não contar demais com elle. E com razão. Tambem, depois da viagem de el-rei D. Luiz em 1885, tivemos o protectorado allemão, e seguiu-se-lhe o ultimatum de 1890 e a perda do nosso *Hinterland* africano. Agora, depois das viagens successivas d'el-rei D. Carlos a Londres, que futuro nos estará reservado? Então o perigo era o perigo inglez na costa oriental da Africa. Agora não é menor o perigo allemão na costa occidental. E não é com cartas de conselho aos representantes da Alemanha entre nós que elle se debela.

Façamos a alliança interna, a alliança das nossas crenças, a alliança dos nossos trabalhadores, a alliança das nossas opiniões; façamola pela liberdade, como a quer o partido republicano, como só elle a pôde fazer, e a alliança externa virá. E então as palavras justas que el-rei D. Carlos, em resposta ao lord maior de Londres dirigiu á Inglaterra, ouvi-las-hemos, nós, em nossa honra, da bocca dos nossos aliados, saudando em nós a livre, forte e progressiva nação portugueza.

Como se vê, não temos motivo algum, felizmente, para deixar de estar d'accordo, n'esse ponto importantissimo, com o sr. dr. Bernardino Machado, e, por consequente, para applaudir as suas palavras, o que fazemos com verdadeira satisfação.

LIVROS

Ainda hoje, por absoluta falta de espaço, e de tempo, não podemos referir-nos a varios livros que temos em nosso poder, e, comtudo, dignos da maior attenção, taes como *As Fomes em Cabo-Verde*, do illustre official da armada Christiano José de Souza Barcellos; *Evolução da Arte Christã desde os tempos primitivos até á Renascença*, de Emygdio de Brito Monteiro; *Biblia do Povo—Evangelho d'um Seminarista*, do sr. Thomaz da Fonseca; *As Crenças, Notas d'um Pae*, do eminente cathedratico sr. dr. Bernardino Machado, e muitos outros.

D'elles trataremos com vagar.

Musica no Jardim

O programma que a banda de infantaria 24 executa hoje no jardim publico, da 1 ás 3 da tarde, é o seguinte:

Marcha. *Supplica á Virgem* (Moraes). *Florentina*, mazurka, (Peixoto). *Flôr Campestre*, (Reis). *Tanhauser*, selection, (Vagner). Passe calle.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

Melhoramentos locais

Foi hontem á assignatura regia auctorisação para que a camara municipal de Aveiro possa contrahir um emprestimo de 30 contos de réis, para a construcção do novo edificio para as duas secções dos asyls.

UMA COÇA

O nosso correligionario Arnaldo Ribeiro vergalhou a cara ao *Cabecinha*, dando-lhe por cima um par de sócos para a socega.

Se fez bem, se fez mal, não discutimos. Uns dirão: são garotos. Outros dirão: garotos tambem se castigam.

Essas coisas, cada um encara-as como entende.

Diremos, apenas, que o sr. Arnaldo Ribeiro não precisava de vergalhar a cara ao *Cabecinha* para affirmar toda a honestidade da sua conducta.

Nenhum homem vae do campo republicano para o campo monarchico, sobretudo n'este paiz, por amor do bem publico. Nenhum. Vae por interesse. Seja o interesse do dinheiro, do emprego, da commenda, ou seja que interesse fór. Esse homem *nunca* é um homem honesto. Não. Todo aquelle que atraiçoa principios, ou o bem commum, pelo bem individual, é um biltre. Deem-lhe as voltas que quizerem, a essa conclusão, logicamente e dignamente, vamos parar.

Mas todo aquelle, principalmente sendo pobre como o sr. Arnaldo Ribeiro, que abandona o campo monarchico pelo campo republicano, para onde vae para perder, para soffrer, pelo bem commum, pelo interesse da comunidade, é um homem digno, é um homem merecedor da consideração e da estima publica.

N'estas condições comprehende-se a revolta do sr. Arnaldo Ribeiro contra a torpeza d'um pasquim que ahi se publica, que é tudo quanto ha de mais immundo, e que, já abocanhado por mais do que uma vez, perdesse a paciencia e cortasse, com um vergalho, a cara suja do ignobil escrevinhador.

Tem havido em Aveiro muito desmando de linguagem. O que nunca houve foi quem calumniasse insistentemente, quem deturpasse sem descanço, quem mentisse mezes seguidos, sem pudor, sem vergonha, no unico proposito de enlamear, com plena consciencia da calumnia, da diffamação, da mentira. Isso nunca houve. Só agora!

Para corrigir tal infamia deveria servir a indignação da gente que preza a dignidade, em geral, e o bom nome d'esta terra, em particular. Mas se isto desceu tanto, está tão baixo, que é impossivel encontrar essa correção, então, evidentemente, é licito que os menos pacientes, ou os que, por temperamento ou educação, não possam ouvir, com desprezo, a escorrença porca dos ignobeis pasquineiros, recorram a um vergalho como unico meio de moralisar um pouco este meio que se vae tornando a vergonha do paiz.

Sim, a vergonha do paiz!

Ninguem entra hoje em Aveiro que não leve d'aqui as peores impressões e que as não proclame em toda a parte.

Esta é a verdade.

Parece que uma das coisas, que mais azedou o sr. Arnaldo Ribeiro, foi haverem-lhe attribuido os immundos gazeteiros palavras que elle nunca proferiu a nosso respeito.

Por esse lado, incommodou-se inutilmente. Temos ouvido tanta mentira aos mariolões repugnantes que não acreditamos uma unica das accusações que elles fazem aos outros.

Uma unica!

A illuminação publica

Continua na mesma a illuminação publica da cidade. As *lamparinas* por essas ruas fóra são cada vez mais pequenas, a zombar dos pobres transeuntes que passam, com grande alegria dos que superintendem na regularisação das *lamparinas*.

Isto é ultra-comico, ridiculo e vergonhoso.

O mar tem produzido estes dias alguma sardinha, boa e de conta.

Se o mar se conservar assim é provavel que os trabalhos de arraste se prolonguem até ao verão.

TRIGOS

Sobre esta importantissima questão recebemos a carta que em seguida publicamos.

Não se enganou o signatario quando suppoz que desconheciamos as *habilidades* a que se refere. Podiamos conhece-las e não falar n'ellas, sem que d'essa fórma demonstrassemos o menor espirito de parcialidade. Se o signatario é leitor do *Povo de Aveiro*, como parece, terá visto que mais do que uma vez temos assignalado e combatido os abusos dos moageiros. No artigo anterior, porém, tratavamos apenas o ponto restricto da importação, e, n'esse caso, bem poderiamos deixar em silencio a irregularidade apontada, e outras, sem que d'ahi se podesse concluir qualquer intenção nossa de parcialidade. Mas desconheciamola, como desconhecemos outras, e confessamos abertamente que receberemos com agrado todas as informações que nos venham esclarecer, n'essa como em todas as questões de interesse publico. O que nós queremos é saber. E todas as fontes nos servem, quando ellas sejam honradas e auctorizadas.

Só temos uma preocupação: a do bem commum e a da verdade. N'esse intento temos luctado toda a vida e continuaremos luctando.

De resto, nós voltaremos a essa grave questão dos trigos, em qualquer numero proximo, talvez mesmo no numero immediato se outras questões urgentes não nos absorverem, devendo dizer desde já ao signatario que concordamos com elle plenamente quando se insurge contra o facto de ser o Estado o primeiro a pôr a lei de parte nos seus estabelecimentos.

E' uma pouca vergonha. Não tem outro nome.

Mas desenganemo-nos: o *Mercado Central*, e a *Manutenção*, e tudo o mais que esses homens dos governos vão criando como instituições de garantia dos interesses publicos, não são mais do que *nichos de burocratas*, e creados para esse fim exclusivo. Não prestam serviço nenhum ao paiz. Nenhum! Ou, pelo menos, não compensam as especulações, as tramoias, que á sombra d'elles se praticam, e os gastos que elles custam á nação.

E' uma triste verdade. Mas é uma verdade.

Quanto aos adjectivos da *Nossa Carteira*, não se admire. São vicios enraizados, que levam tempo a extirpar. O nosso collaborador d'essa secção entende que os nossos assignnantes gostam d'essa *lambeta*, e vae-lh'a dando. Quem sabe? Talvez elle tenha razão, senão com todos, pelo menos com alguns.

Ah! meu caro senhor, são muito poucos aquelles que lêem um jornal só por amor da verdade, do bem publico, da justiça! Muito poucos!

Em todo o caso, nós somos contra o excesso de adjectivação, e lembramos ao nosso collaborador que, n'um paiz em que se chama *honrados* a todos os homens, e *virtuosas* a todas as mulheres, já nenhum homem se pôde considerar honrado por lhe chamarem honrado e nenhuma mulher se pôde considerar virtuosa por lhe chamarem virtuosa, ainda que o sejam. Dar noticias pessoases tem utilidade e interesse. Mas usemos apenas o dever de tratar por *senhor* e por *senhora* aquelles ou aquellas a quem nos referirmos. E' talvez a maneira de os honrarmos mais.

Quando muito chamemos *amigos* e *correligionarios* quando não haja duvidas de que são *correligionarios*.

Tambem n'esse ponto estamos d'accordo com o nosso censor do Ribatejo.

E segue a carta:

Ribatejo 30 de janeiro de 1905.

...Sr. Redactor do *Povo de Aveiro*—Aveiro.

Volta v. em seu numero de hontem, a tratar da questão dos trigos, censurando, com razão, os lavradores que não os manifestam, para exigirem preço superior ao da tabella, es-

quecendo-se, porém, de fallar nas habilidades dos srs. moageiros, que sophismam essa mesma tabella. Será por desconhecer esses sophismas? Com certeza é, pois tenho v. no conceito de o unico jornalista sincero, no jornalismo portuguez, onde só se ficaram as questões conforme os interesses de cada um, ou do partido em que militam.

Com a lei de 14 de julho de 1899, feita em accordo com os lavradores e moageiros; quando rigorosamente cumprida, ambas aquellas entidades tinham seus interesses garantidos, e só ficava prejudicado o consumidor, que em Lisboa, e não sei se em mais alguma parte, com o limite de numero de padarias, viu coroada esta nova Falperra, onde alem do seu dinheiro, deixa a saúde, estragada com todas as mixordias com que se dignam aperfeiçoar o fabrico do pão. Haja em vista os ultimos aperfeiçoamentos descobertos com kaolino e serradura, naturalmente para tornar o pão mais solido, sem que até hoje esses felizes inventores, tenham recebido premio condigno.

Mas estou afastando-me do assumpto de minha carta que é esclarece-lo sobre as habilidades dos srs. moageiros, e que passo a referir.

Na tabella annexa á citada carta de lei de 14 de julho de 1899, no capitulo «Instruções sobre o processo para a pesagem dos trigos com o pesa-grãos, diz-se o seguinte: «Pesagem; enche-se a treminha ou funil completamente, tendo o cuidado de rasar uma só vez, e com a rasoura movel, isto feito, colloca-se o balde debaixo do funil sobre o prato que acompanha a balança, e abre-se o funil pelo fundo deixando encher completamente o balde, rasando então este tambem uma só vez, e com a rasoura movel. Finalmente suspende-se o balde no gancho collocado na extremidade do braço da balança, e observa-se o peso indicado que é referido ao hectolitro.» Pois os srs. moageiros em logar de rasurarem com a rasoura movel, fazem-no com a rasoura fixa, o que dá logo uma differença de mais de um vintem em alqueire, não ficando ainda por aqui, porque nas fabricas, á recepção dos trigos, medem mil litros com as medidas das fabricas, que, não sei como, dão sempre abono ás medidas de fóra por mais escasas que vão, e ali temos nova differença para menos, do valôr que por lei o lavrador devia receber.

Que isto façam os moageiros, pôde admittir-se perante a facil moral dos nossos tempos, mas que o governo o consinta, o governo que deve ser o fiscal das leis que promulga, é que se não pôde tolerar, pois quando se appella para o celebre mercado central dos productos agricolas a resposta é «Vejam se se harmonizam.»

Mas ainda ha mais. Recordar-se v., decerto, de que, quando o anno passado os moageiros não quizeram fornecer farinha n.º 2, o governo appellou para os lavradores fornecerem trigos á manutenção militar no preço da tabella. Pois bem, fui á manutenção, e perguntando qual o processo como estabeleciam a tabella, responderam-me que com a rasoura fixa. Isto n'um estabelecimento do Estado, onde parece que só se deviam regular pelas leis feitas pelo mesmo Estado.

Por aqui pôde v. ver que não é imparcial, apesar de o querer ser, o que sinceramente reconheço, no antepenultimo periodo do seu artigo *Trigos*, apesar de que tudo o mais que diz, são duras verdades, mas verdades, differindo só o meu modo de ver do de v., em não pedir n'aquelle seu artigo, rigorosa fiscalisação do Estado para com os moageiros, obrigando-os a respeitar a tabella, e para com os lavradores, obrigando-os a manifestarem o seu trigo por uma só vez, deduzido, é claro, o que precisassem para sementes, e auctorizando immediatamente a importação necessaria, sem o que continuará a servir de arma de combates eleiçoeiros, para os lavradores ameaçando de não votarem com o governo se permittir a importação, e para os moageiros que não votam se a não permittir. Que, afinal, ainda o que nos vale, é elles não chegarem a accordo; se chegarem estavamos servidos.

Permitta-me mais, sr. redactor,

que observe: parece-me não ter v. reparado na secção «a nossa carteira», onde notei a adjectivação contra que se tem insurgido. Assim tem v. allucido, esclarecido, abastado, habil, zeloso, digno e activo, péchas estas que parece ter toda a gente das boas relações dos srs. jornalistas.

Não assigno esta carta porque é d'um insignificante, revoltado contra as iniquidades d'esta nossa sociedade, onde tudo se vende e se compra, salvo rarissimas excepções, uma das quaes, e sem lisonja, é o seu jornal tão mal apreciado do partido republicano; no entanto, se quizer publicar as affirmações que acima faço, e fôr preciso firmá-las com o meu nome, nenhuma duvida tenho em fazê-lo.

Um insignificante do Ribatejo.

No largo da Estação do caminho de ferro houve um dia d'estes grande desordem, sahindo ferido da lueta Nicolau Fernandes, hespanhol, com uma machadada vibrada por um tal Ferraz, que é useiro e veseiro d'estas e outras gentilezas.

EPIHEMERIDES DEMOCRATICAS

30 de janeiro.—E' decapitado Carlos I de Inglaterra, 1649.

Dominado por um valido, Buckingham, que era odiado pelo paiz, e levado pelo instincto do absolutismo para o catholicismo, Carlos descontentou a nação logo nos primeiros annos do seu reinado, pelas perseguições aos presbyterianos escoceses, e aos puritanos inglezes, pelo favor que dava aos catholicos, e pelas successivas dissoluções dos parlamentos que lhe recusavam subsídios e mostravam decidida opposição.

Durante onze annos (1629-1640) governou sem parlamento multiplicando as violencias, as extorsões, os actos despoticos, e as perseguições politicas e religiosas.

Dos esforços que elle fez para estabelecer na Escocia a liturgia anglicana nasceu a sublevação dos presbyterianos d'esse paiz que assignaram o famoso *covenant*, pegaram em armas e invadiram a Inglaterra.

N'esta difficil conjunctura, Carlos reuniu o parlamento, mas logo o despediu, sendo porem derrotado pelos Escoceses em Neuwburra, chamou de novo os deputados, e a 3 de novembro se abriu essa assembleia que se tornou celebre e que é vulgarmente conhecida pela denominação de *long parliament*.

As duas camaras animadas ambas dos mesmos sentimentos hostis contra a côrte, começaram por accusar e condemnar á morte o ministro Strafford, cuja sentença o rei assignou com tanta pusillanidade como ingratidão. O parlamento depois tirou ao rei o direito de dissolução e prorrogação, assim como algumas outras das suas mais elevadas prerogativas.

Carlos então quiz prender alguns dos membros do parlamento, mas a irritação passando das camaras para o povo, fez com que elle se decidisse a sahir de Londres, e a começar a guerra civil (1642).

Os parlamentares nomearam uma commissão executiva e organisaram um exercito, e depois de varias operações militares e de negociações que não deram resultado, a causa realista foi vencida na batalha de Naseby (1645) por Farfax e Cromwell que commandavam as tropas do parlamento.

Carlos I refugiou-se na Escocia, e desgostando pelos seus modos altivos, e pelo desprezo que tinha pelo presbyterianismo e pelo *covenant*, os habitantes do paiz a que se tinha acolhido, elles o entregaram aos parlamentares.

Os mais moderados d'estes queriam tratar com o monarcha mas Cromwell e outros chefes apoiados no exercito fizeram declarar o rei, culpado de alta traição, e um supremo tribunal de justiça o condemnou á morte como *tyranno, traidor, assassino, e inimigo publico*. Durante o processo o soberano mostrou-se firme e prudente, negando resolutamente a competencia do tribunal e defendendo-se só com o princí-

pio absolutista de que o rei não pôde proceder mal.

Foi decapitado no dia 30 de janeiro de 1649 em frente do palacio de White-Hall e durante o supplicio mostrou grande coragem e resignação.

Mac-Mahon, tendo exgotado todos os recursos para destruir a republica franceza, pede a sua demissão, 1879, e as duas camaras, constituídas em *Assembléa Nacional*, elegem presidente da Republica Julio Grévy, por 563 votos em 713 votantes.

31 de janeiro.—Rebenta no Porto, 1891, um movimento revolucionario, em sentido francamente republicano.

O ultimatum inglez, e o tratado que se lhe seguiu, provocaram uma grande excitação no espirito nacional. A monarchia, desacreditada por um longo periodo de immoralidades, viu-se de repente exauctorada e perfeitamente á mercê das circunstancias, de tal fórma apertadas que durante largos dias não houve maneira de constituir um ministerio.

O partido republicano, apanhado de surpresa, encontrou-se sem forças para aproveitar a occasião. Foi á pressa que tentou obter adhesões no exercito e isso mesmo com o espirito de desordem que caracteriza toda a sociedade portugueza, sem pensamento nem unidade d'acção.

Tendo o ministro da guerra João Chrysostomo preterido os sargentos na promoção ao posto d'alferes, o descontentamento, que era geral, accentuou-se n'essa classe d'um modo irritante. Reunidos no Porto, e dispostos a proceder, procuraram para esse effeito varias figuras proeminentes do partido republicano da segunda cidade do reino e com ellas planejaram um golpe audacioso. Deve-se aos sargentos todo o merito ou desmerito da iniciativa.

Conjugadas essas novas forças com outras já existentes á data, o movimento poderia ser decisivo. A indisciplina, porém, era completa, no elemento militar e no elemento civil. Alguns dos officiaes não queriam subordinar-se aos sargentos. Os sargentos, por seu lado, julgaram que tinham força bastante para proceder independente de toda a influencia dos officiaes. Os elementos republicanos do Porto entendiam que podiam dispensar os elementos republicanos de Lisboa. Os elementos republicanos de Lisboa não se harmonisavam entre si. Os do Porto combinavam-se de preferencia com um dos grupos dos de Lisboa, pondo de parte o grupo opposto. De tudo isso resultou uma fraqueza tal que o movimento teria de succumbir necessariamente.

Morre Rouget de Lisle, auctor da *Marselheza*, 1836.

Claudio José Rouget de Lisle era filho d'um advogado e ainda novo dedicou-se á musica e á poesia, mas tendo-o sua familia destinado á carreira das armas teve de desistir da sua vocação. Concluido o seu curso de engenharia militar foi promovido a tenente em 1784 e a capitão em 1789.

Achando-se em Strasburgo no mez d'abril de 1792, quando alli chegou a noticia da declaração da guerra á Austria, foi convidado a jantar, com outros militares que tinham de tomar parte na guerra, pelo *maire* da cidade, chamado Dietrich.

Durante o jantar o *maire* falou na necessidade d'um canto guerreiro para excitar os novos exercitos e dirigindo-se a Rouget de Lisle, que era poeta e musico, pediu-lhe que fizesse elle esse canto patriotico. Rouget escusou-se, mas ao recolher-se para casa pegou na rebeça e compoz a letra e a musica do hymno celebre que immortalizou o seu nome. No dia seguinte, logo de manhã, procurou um seu collega, official de estado maior, ao qual mostrou a composição, e dirigindo-se ambos a casa de Dietrich, ali, acompanhados por uma sobrinha do *maire*, entoaram o cantico, que fez logo rebentar as lagrimas dos olhos dos assistentes, produzindo n'elles um enthusiasmo indescriptivel.

Esse enthusiasmo communicou-se rapidamente a toda a França.

1 de fevereiro.—Junot dissolve a Regencia e toma conta do reino em nome de Napoleão I, 1807.

2 de fevereiro.—Desembarcam na Ilha Terceira os voluntarios da Rainha, 1829.

Cabet parte para a America com 150 sectarios a fim de pôr em pratica as suas doutrinas socialistas, 1848.

Estevão Cabet foi o fundador da seita de communistas conhecidos sob a denominação de *Icarianos*.

Teve parte nas agitações do liberalismo durante o governo da Restauração.

Pela ascensão de Luiz Filippe ao throno francez, Cabet foi primeiramente procurador geral na Corsega e mais tarde deputado, pronunciando-se então vivamente contra o governo, e guerreando-o já nos folhetos e artigos que escreveu no *Popular* (folha democratica em cuja fundação collaborou), já na *Historia da revolução de 1830* que por essa occasião publicou.

Pela sua fluencia como orador e como escriptor, pela sinceridade das suas convicções, e pela rectidão mesmo d'algumas das suas idéas, Cabet mereceu entre os do seu partido altos conceitos.

Em 1834, sendo condemnado por offensa á pessoa do rei, teve de largar a camara e refugiar-se em Inglaterra, onde a leitura da celebre *Utopia* de Morus lhe inspirou concepções de natureza analogas, cujo plano desenvolveu mais tarde, quando pela amnistia de 1837 regressou á patria, publicando ali o seu romance philosophico-social *Viagem á Icaria* (livro que ficou sendo o evangelho de uma seita de communistas mui vulgarizada tanto em França como em outros paizes). De 1844 em diante começou a publicar o *Almanach Icariano*, e em 1848 conseguiu por subscripções entre os seus adeptos lançar no territorio de Texas os alicerces praticos da organização social que projectava, e para lá partiu mesmo pessoalmente (depois de ter na Revolução de Fevereiro em Paris empregado toda a sua influencia sobre as massas populares no sentido conciliador); a pratica, porém, não correspondeu ás esperanças de Cabet, e este na sua projectada communitidade só encontrou dissidencias e por ultimo até invectivas e calumnias contra o inaugurador, chegando em 1856 a ser-lhe retirada a superintendencia d'aquella sociedade por voto de maioria. Desgostoso por tal ingratidão, que para elle significava uma especie de ostracismo, Estevão Cabet retirou-se para S. Luiz, onde falleceu pouco depois.

3 de fevereiro.—A republica do Uruguay obtem a sua independencia, 1852.

4 de fevereiro.—Gesar de Vasconcellos e José Estevão levantam em Torres Novas o grito de revolução contra o despotismo feroz de Costa Cabral, 1844.

O regimento da cavallaria á revolta-se tendo á sua frente o coronel de cavallaria Antonio Gesar de Vasconcellos Correia. O commandante do corpo era José de Pina Freire da Fonseca, que não quiz annuir, retirando-se para Thomar. Os revoltosos marcharam sobre Castello Branco, onde se tinha revoltado o regimento de infantaria n.º 12. O conde de Bomfim, que estava com licença no Alentejo, foi juntar-se aos revoltosos, e tomou o commando das forças. De Castello Branco marcharam os revoltosos sobre a Guarda, onde se tinha revoltado tambem o batalhão de caçadores n.º 1. Depois marchou o conde de Bomfim em direcção ao Douro, na intenção de passar este rio e entrar em Traz os Montes; mas vendo-se perseguido pelas brigadas do barão de Leiria, do visconde de Vallongo, do visconde de Vinhaes, e pela do Visconde de Fonte Nova, commandante de todas as operações contra os revoltosos, e vendo que não tinha apoio em nenhuma outra parte do paiz, e que nenhuma outra força militar correspondia ao grito da revolta, acolheu-se á praça d'Almeida.

O visconde de Fonte Nova cercou a praça, começando o bombardeamento. Em maio a praça capitulou nas seguintes condições: Os officiaes sahiriam para Hespanha unicamente com as suas bagagens e quaesquer objectos da sua propriedade. As praças sahiriam desarmadas, indo para depositos determinados pelo governo.

5 de fevereiro.—Gostavo da Suecia solicita os foros de cidadão suizo, 1818.

Quereis possuir a melhor bicycleta do mundo? Compre **AOSMOND**

A nossa carteira

Acompanhado de sua esposa e filha D. Maria, tem estado na sua casa de Estarreja, o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão, official do governo civil.

Partiu para Lisboa o sr. dr. Manuel Homem de Mello.

Estiveram n'esta cidade o sr. conselheiro dr. Alexandre da Fonseca, advogado na comarca de Vagos e João Duarte Sereno, juiz d'Albergaria e Velha.

Tem passado incommoado de saúde o sr. Thomaz Vicente Ferreira.

Fizeram annos as sr.ªs: D. Isabel Madeira, esposa do sr. Joaquim Antonio Madeira; viscondessa de Garrafeira; D. Adosinda Amador e a menina Maria Celeste Machado de Mello, filha do sr. dr. Antonio Carlos Mello Guimarães.

A todas as nossas felicitações.

Ao sr. director geral dos correios e telegraphos

O que se está passando nas ambulancias do correio causa indignação e merece immediata intervenção do sr. director geral dos correios telegraphos e pharões. Brindes ou calendarios que sejam remetidos a qualquer pessoa é contar pela certa que, ou lhe diminuem a quantidade ou ficam por lá com elles quando é um só. Chega o desafôro a entregarem ao destinatario os pacotes dos calendarios completamente desembrulhados, sem amarração ou collamento algum. Com os postaes illustrados então é um louvar ao Senhor! Elles bem se expedem, mas quando um chega ao seu destino é caso para mandar tocar o hymno ao jésuino e atirar meia duzia de foguetes de 9 repostas.

Tal é o phenomenal acaso de chegar um postal illustrado ás mãos *sacrilégas* d'um destinatario.

Para este caso chamamos a attenção de s. ex.ª para que o publico não continue a ser prejudicado como até aqui.

Consorelo

Consoiciou-se hontem na igreja da Apresentação com a sr.ª Maria Luiza Casimiro da Silva, o sr. Pompilio Simões Ratolla, industrial de ourivesaria, d'esta cidade.

Aos noivos desejamos-lhe todas as felicidades de que são dignos.

Falleceu em Coruche um filho do sr. dr. Antonio Xavier, a quem enviamos o nosso cartão de peza-mes.

Suicidio

Na Costa de Vallade, o sr. Julio Dias pôz termo á vida de uma maneira tragica.

Carregou uma espingarda e atando um cordão ao gatilho desfechou sobre a cabeça o pobre tresloucado.

LOJA

ALUGA-SE uma no ponto mais central da cidade, propria para estabelecimento de modas ou mercearia, contendo já a respectiva armação envidraçada. Trata-se com o seu proprietario Luiz Henriques.

MILHO BRANCO AMERICANO

A chegar até ao fim do mez, vende-o Lino M. da Nova & Filhos, Successor.

Travessa da Picaria, 37—Porto

Feitos quasi de graça se na officina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marques de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte— Cartilha Maternal ou Arte de Leitura —16. ^a ed., cart. 300 réis, broch.	200
Album , ou livro contendo as lições da <i>Cartilha Maternal</i> em ponto grande	58000
Quadros Parietaes , ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.	65000
Segunda parte— Os Deveres dos Filhos —16. ^a ed., cart., 300 réis, broch.	200
Guia prático e theorico da Cartilha Maternal —1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.	160

ESCRIPTA

Arte de Escripção —(2. ^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada.	30
Livros de polémica sobre o Método	
A Cartilha Maternal e o Apostolado	500
A Cartilha Maternal e a Crítica	500
Do mesmo auctor:	
<i>LITTERATURA</i>	
Campo de Flôres —Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3. ^a ed.	700
Prosas —Coordenadas por Theophilo Braga	800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requirirem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especias. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

TYPOGRAPHIA

—DO—
POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encaregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

A VEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra a venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 1800 a 3800 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.^o



DENTISTA MECANICO

Colloca dentas e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falta qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinica, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estatueta de JOSÉ ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

A VEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de sala.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 a 45—AVEIRO